

O COMPORTAMENTO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA

Maria do Amparo Rocha Caridade¹

ADOLESCENT SEXUAL BEHAVIOR

Resumo: Neste artigo propõem-se reflexões sobre as alterações dos comportamentos dos adolescentes na atualidade. Pondera-se as interferências sociais e culturais, as alterações de papel de gênero, a importância do contato nas relações parentais e, em especial, sobre o fato de que o adolescente é um ser em ebulição, em formação, sendo difícil que possua rumos e limites definitivos.

Palavras-chave: Adolescência. Cultura. Papel de gênero.

Abstract: In this article we propose discussions on behaviour changes of adolescents today. We cover the social and cultural interferences, the gender role changes and the importance of contact in parental relations. In particular the fact that the teenager is a human being erratic development. They rarely have definite directions and limits.

Keywords: Adolescence. Culture. Gender role.

A vida irrompe em sua punjança maior quando a passagem se dá, do mundo da criança para o mundo do adulto. Aí começam as transformações físicas, emocionais e sociais. Uma voz desejeitada, um discreto bigode, Um crescimento vertiginoso anunciam o homem que se faz. Na menina dois botões surgem no tórax e como que por encanto, curvas se delineiam, arredondando formas, detendo olhares, acordando desejos e emoções. É a mulher que se projeta num corpo cheio de graça e sensualidade. Começa para ambos a conquista da vida na adolescência, rumo a vida adulta.

Um tempo de luta e beleza. Luta entre o ser e o não ser. Beleza da vida que explode com a maior intensidade conhecida pelo ser humano.

Definir adolescência, comportamento, sexualidade, é apresentar certezas. Certezas a cerca de um ser que não tem certeza, um ser que se faz. Aliás, em qualquer idade o homem é um vir-a-ser, está em constantes transformações. Definições nos colocam diante de respostas estáticas e o adolescente é um ser em ebulição. Por isso não tenho e não ofereço visões definitivas. Prefiro observar a sexualidade na trajetória humana e tecer reflexões. A sexualidade procriação foi meta, enquanto a humanidade carecia de mão de obra no trabalho, de soldados

· Artigo publicado na **Revista Sexus – Estudo Multidisciplinar da Sexualidade Humana**, 3(4), 1991, p. 8-10. Publicação do NUDES - Núcleo de Sexologia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Europa Gráfica e Editora.

¹ Psicóloga clínica. Mestre em Antropologia. Prof. Adjunta da Universidade Católica de Pernambuco – Trabalho apresentado no IV Congresso Brasileiro de Adolescência, em maio de 1991.

na guerra, de fazer crescer a população. Mas o cresci e multiplivai-vos chegou ao seu limite. Estamos diante de uma explosão demográfica que a terra não pode mais suportar. O fato por si só redimensiona o enfoque da vivência da sexualidade entre os povos. Ela não pode mais continuar sendo apenas percriativa, mas tende a assumir cada vez mais uma dimensão lúdica, abuscar seu significado no encontro, no prazern na partilha amorosa.

Presente no indivíduo desde o nascimento, a sexualidade busca afirmação na adolescência. Os meninos convivem com a explosão das sensações corporais e dos impulsos eróticos, meninas descobrem um enorme poder de sedução, a graça e o veneno de ser fêmesa. A busca da identidade ocupa grande parte da energia do adolescente. Muitos caminhos são trilhados. A reinvidicação, a pertinência a grupos minoritários, e até marginalizados, a sujeição a um líder que o guia, a intelectualização, a transgressão, a rebeldia, a masturbação, a homossexualidade, a heterossexualidade. Esta diversidade de caminhos diz da instabilidade do que é vivido por um ser, que se encontra no intertício de posturas infantis e adultas. Nesta interseção ele tem a sensação da plenitude, do mago onipotente, do ser criança e adulto que tudo pode. Quem sabe se ele não tem razão! A sabedoria Taoista diz que a verdade está no meio.

A literatura refere-se a esse tempo como sendo de crise. Contudo não me parece ser este o sentimento do adolescente frente ao seu tempo. Ele se sente em explosão de vida, em descoberta. É impelido a viver uma pluralidade de experiências que não devem ser patologizadas pelos adultos. São condutas de buscas que marcam descobertas e afirmações. A crise é percebida pelos que o observam. Os chineses falam da crise na dimensão exata do que quero enfocar para o adolescente: “*Crise é oportunidade e perigo.*” É a chance que está ali e que exige um desafio. Entre nós crise tomou a conotação desestruturante e frustrante. Não se enfoca a dimensão desafiadora que seduz o jovem, que lhe instiga a superação. A crise no relacionamemnto familiar é vivida na derrubada do mito dos pais, e é necessária à afirmação do adolescente. Constitui sem dúvida grande sofrimento também para a família que vive o luto da perda de sua criança. Encontrei de David Calderoni este poema:

“Hoje encontrei meu pai
E doi pensar
O quanto ainda sou filho
É preciso matar meu pai
Teu, nossos pais
Mas, sobretudo é preciso
Sabê-los morrer
Para não cometer suicídios”

Essa morte simbólica, desejada por um, temida por outro, constitui o padecimento básico de pais e filhos, mas sem dúvida o preço pago por ambos pelo crescimento.

A sexualidade é a grande energia que mobiliza o adolescente, que o impulsiona para a vida, para o outro, Freud chamou a essa energia de *libido*, palavra latina que significa *desejo*. Evidenciou que a libido não tem um objeto único capaz de satisfazê-la. O objeto é constituído no sujeito a partir da percepção da falta, do vazio inaugural. Esse objeto pode ser ele mesmo, um outro, outro do mesmo sexo, ou situações e ações catalizadoras dessa energia. A libido faz uma trajetória percorrendo várias fases, obtendo gozo através de objetos parciais, até atingir uma síntese pulsional em torno da zona genital, na adolescência.

A masturbação, comportamento comum na adolescência, torna-se conduta natural do processo de descoberta prazerosa, além de ser um forte veículo de descarga de energia sexual. Como expressão do *auto-erotismo*, compõe uma das etapas de amadurecimento do *ego*. Quase sempre vem acompanhada de fantasias relacionadas a algo ou alguém desejado. Sua intensificação na adolescência se dá pela possibilidade orgástica que oferece, sem que para isso seja necessário enfrentar as dificuldades de conseguir uma parceira. A masturbação embora muito tabuisada, só é danosa se for um impedimento para o encontro com o outro. Também ela pode ser produzida por uma negação fantasiada ou real, de afeto por parte dos pais.

A homossexualidade também é vivida por grande parte dos adolescentes, como um tatear do investimento libidinal em direção à identidade sexual. Na maior parte dos casos não tem nenhum significado de definição sexual. Essas vivências podem ser meras expressões de maior facilidade de contato e convivência com o grupo do mesmo sexo, da timidez de abordar a figura do sexo oposto, ou ainda, como forma de contraposição à ordem familiar estabelecida. A vivência homossexual é um fenômeno universal e “*tão antiga como a humanidade*” dizia Goethe. Contudo a leitura desse fato é inserida no conjunto de peculiaridades conceituais concernentes a cada etnia.

A sexualidade por ser genitalizada em nossa cultura é reduzida a uma produção consumista e mecanicista de múltiplos orgasmos. Grande parte dos jovens continua reproduzindo esse modelo cultural: os rapazes devem provar que são homens e as moças devem guardar seu corpo como um trunfo para o casamento. Contudo começam a surgir jovens atentos a uma forma nova de viver a sexualidade. Encontra-se entre eles o prazer da convivência, a partilha amorosa e uma sexualidade vivida de corpo inteiro, não apenas em nível genital. É mais ampla, sensível e enriquecida a experiência amorosa.

É afirmação freqüente na literatura, a inveja experimentada pelos adultos frente aos

adolescentes de hoje que, mais esclarecidos e com mais alternativas, são mais capazes de viver satisfatoriamente o sexo. O jovem vive um movimento de ascensão, explodindo física, emocional e intelectualmente, enquanto o adulto encontra-se num movimento de conservação de energia. Muitas vezes é a insatisfação com a própria história sexual que leva adultos a interpretar comportamentos jovens como sendo libertinos, e os reprimem. Pesquisas atuais revelam, no entanto que o adolescente é essencialmente monogâmico, fiel, dedicado ao afeto e que só se envolve sexualmente se pronto para isso.

Estatísticas médicas dos últimos 150 anos têm revelado que a moçada vem precocemente alcançando prontidão física para o sexo/procriação, ou seja, a menstruação chega mais cedo a cada geração. A prontidão sócio-econômica e profissional fica cada vez mais tardia, numa sociedade competitiva como a nossa. (VITIELLO, 1986). Isto adia muito a possibilidade do casamento. Como são encaradas, no entanto as relações sexuais vividas antes do casamento, sobretudo para a mulher dessa sociedade machista? Uma cliente de 21 anos de idade, com namorado estável, de dois anos, deu início às relações sexuais. Seus pais, médicos, que viam o fato com naturalidade, consideraram conduta abominável, quando se tratou da própria filha. O conhecimento do fato constitui um trauma familiar e essa jovem apresentou um quadro de dispareunia que lhe tornou insuportável às relações sexuais. Uma guerra se estabeleceu entre o desejo e sua culpa. O peso da proibição/trangressão, o sentimento de culpa vivido, a rejeição sentida, sobretudo por parte da mãe, impedia-lhe a experiência prazerosa.

Em relação ao contato físico, também os pais fazem rupturas, que podem ser vividas pelo adolescente como ansiedade de separação, solidão, frustração, numa etapa em que ele vive o luto do seu corpo e dos comportamentos infantis, o que constitui perdas muito significativas. O contato físico é necessário ao desenvolvimento da conduta sexual saudável em qualquer idade, porque a verdadeira linguagem do sexo é não verbal, é o *toque*. Uma linguagem que se aprende no contato, sobretudo com os pais. O que leva, no entanto os pais a se impedirem o contato físico com seus filhos na adolescência? O que muda nas relações dos pais com a criança e com o adolescente? Que medos e fantasmas povoaram o imaginário parental? O que significa para eles a irrupção sexual de seus filhos? São questões que sugerem reflexão. É sabido, contudo que a falta do toque tem consequências negativas. Hollender (*apud* MONTAGU, 1988) cita o exemplo de uma ex-garota de programas que dizia: “*De certo modo usei o sexo para que me abraçassem.*” Estudos diversos citados por Montagu, mostram vantagens do contato físico sobre a saúde da pessoa em geral, sobretudo em seu sistema imunológico. A pele tem função imunológica, de modo que, a pessoa, amada, tocada, é bioquimicamente diferente da não tocada segundo tais estudos. A mensagem não verbal do

contato de ser abraçada é de certo a de ser amada. Alguns receios, no entanto povoam o imaginário dos pais. Uma cliente queixava-se da falta de convivência física com seu pai na adolescência e estranha o fato de que atualmente ele o faz e até a coloca no colo. Curiosamente ela está grávida. Mera coincidência? A psicanálise não deixaria passar despercebido o fato de que nesse contexto ela não representa tanto perigo à sexualidade do pai.

Uma característica que parece marcar o relacionamento sexual de alguns adolescentes atuais é uma maior igualdade, menor rigidez dos papéis sexuais, maior expressão dos sentimentos por ambo os sexos. Gaiarça com muita propriedade falava de uma certa androginia dos papéis sexuais, considerando que, as pessoas muito rígidas quanto a esses papéis não conseguem ser felizes.

Sem dúvida essa é uma abordagem otimista do comportamento sexual dos adolescentes e deixaram de ser enfocados os “problemas da idade.” Tenho consciência de essa visão é pertinente a uma faixa mentalmente privilegiada da população. Nivelei por alto a questão, querendo com isto fazer um ato de fé no homem e na mulher, que fazem e enaltecem a inebriante descoberta do amor.

Referências bibliográficas

KOSNITZ, A. **A Sexualidade Humana**. Novos rumos do pensamento católico americano. Petrópolis: Vozes, 1982.

LEÃO, S.C. **Infância, Latência e Adolescência**. Temas de Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

MONTAGU, A. **Tocar** - o significado humano da pele. São Paulo: Summus Editora, 1988.

SILVA, A. C. A sexualidade e a adolescência. In **Sexologia II**, São Paulo: Rocca, 1986.

TAKITI, A. **A adolescência está ligeiramente grávida. E agora?** São Paulo: Iglu.

VITIELLO, N. Sexualidade na adolescência. In **Sexologia II**. São Paulo: Rocca, 1986.